



Sujeitos, tópicos e tópicos-sujeito no português brasileiro contemporâneo: uma nova perspectiva de análise a partir da fatoração de EPP

Subjects, topics and subject-topics in contemporary Brazilian Portuguese: a new perspective of analysis from the EPP-factoring

*Christiane Miranda Buhters de Almeida**

RESUMO: Neste trabalho, analisamos sintaticamente construções do português brasileiro contemporâneo com a posição à esquerda do verbo preenchida lexicalmente por sujeitos, tópicos ou tópicos-sujeito. Segundo variados estudos, essa língua tem deixado de autorizar sujeitos nulos, diferentemente do português europeu. Seguindo pressupostos da teoria gerativa (CHOMSKY, 1995, 2005), a partir da investigação descritiva e qualitativa de dados de oralidade, propomos a fatoração do traço ininterpretável EPP, responsável pela ocupação lexical do sujeito – Spec-TP –, em quatro traços: [uP], [uD], [uFoc] e [uTop]. A subdivisão de EPP permite explicar a emergência e a variação de XPs “juntados” à posição de sujeito no PB.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito Preenchido. Fatoração de EPP. Língua de sujeito nulo parcial.

ABSTRACT: In this paper, we syntactically analyse sentences of Contemporary Brazilian Portuguese with the position on the left of the verb lexically overt by subjects, topics and subject-topics. According to several researches, this language has failed to authorize null-subjects, unlike the European Portuguese. Following assumptions of generative theory (CHOMSKY, 1995, 2005), from the qualitative and descriptive research data of orality, we propose the factoring of the uninterpretable feature-EPP, which is responsible for lexical occupation of the subject – Spec-TP –, in four features: [uP], [uD], [uFoc] and [uTop]. The subdivision EPP allows to explain the appearance and variation of XPs “merged” to the subject position in BP.

KEYWORDS: Overt subject. EPP-factoring. Partial null-subject language.

* Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/POSLIN, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

1. Introdução

O português brasileiro (doravante PB) – a partir das últimas décadas do século passado – tem apresentado um comportamento inusitado no que concerne a um fenômeno tratado pela teoria gerativa, em sua versão de Princípios e Parâmetros (P&P), como parâmetro *pro-drop* – um parâmetro que dirige operações de preenchimento fonológico ou não das posições de sujeito e de objeto (CHOMSKY, 1981; RAPOSO, 1982; RIZZI, 1986). Segundo o modelo gerativista de Princípios e Parâmetros, os princípios são invariantes, uma vez que todas as línguas devem sempre tê-los como referência; e os parâmetros são escolhas, isto é, têm valores (positivos ou negativos) fixados no decorrer do processo de aquisição de uma determinada língua pela criança. Isso quer dizer que são os parâmetros que possibilitam as variações decorrentes de língua para língua.

Em relação à possibilidade de preenchimento da posição de sujeito, o parâmetro *pro-drop* é, em geral, denominado de parâmetro do sujeito nulo. Tal parâmetro, então, refere-se a uma escolha feita pelas línguas quanto ao preenchimento lexical ou não da posição de sujeito – mais especificamente, Spec-TP. O PB, assim como o português europeu (PE, daqui em diante), sempre foram consideradas línguas de sujeito nulo, autorizando que a posição de Spec-TP pudesse aparecer lexicalmente vazia.

No entanto, como dito acima, o PB tem apresentado um aumento gradativo da ordem [XP V (DP)], ou seja, tem estado propenso a preencher a posição de Spec-TP, até mesmo em situações totalmente inusitadas. A emergência de tal ordem traz à tona o questionamento de o português brasileiro contemporâneo (PBC) estar se distanciando do PE com relação ao parâmetro do sujeito nulo, passando a caminhar no sentido de se tornar uma língua de sujeito obrigatório. Como exemplo dessa tendência, expomos os dados de Avelar e Galves (2011, p. 69):

- (1) a. **Os carros** furaram o pneu. (PB/PE*)
b. Os carros, ___ furou o pneu. (PB/PE)
c. ___ Furou o *pneu do carro*. (PB/PE)
- (2) a. **As minhas duas árvores** apodreceram a raiz. (PB/ PE*)
b. As minhas duas árvores, ___ apodreceu a raiz. (PB/PE)
c. ___ Apodreceu a raiz *das minhas duas árvores*. (PB/PE)
- (3) a. **Essas casas** batem muito/imenso sol. (PB/PE*)
b. Essas casas, ___bate muito/imenso sol. (PB/PE)
c. ___ Bate muito sol *nessas casas*. (PB/PE)

Conforme é possível observar nos dados, o PB contemporâneo preenche posições de sujeito que, em PE, têm que ser obrigatoriamente nulas. Em todas as sentenças em (a), nos dados acima, com elevação do genitivo ou do locativo para a posição periférica à esquerda da sentença, a concordância desses elementos com o verbo é evidenciada. Costa (2012, p. 114) afirma que construções desse tipo, em que verbo concorda com o tópico (interpretação do autor), são impossíveis no PE.

O aparecimento de XPs à esquerda do verbo suscitou o interesse de muitos linguistas, que ainda têm se dedicado veementemente a estudar o fenômeno, na intenção de descobrir se os fatos linguísticos observados sinalizam realmente uma possível mudança paramétrica em progresso; e, caso seja, qual seria o fator motivador de tal mudança. Muitas propostas foram e ainda têm sido desenvolvidas como forma de tratar o fenômeno: algumas seguindo a linha gerativista, em caráter qualitativo; outras, ancoradas nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, valendo-se de metodologia quantitativa. Galves (1993, 2013), Duarte (1993, 1995, 2003), Kato (1999), Nicolau (1993, 1997b), Figueiredo Silva (1994, 1996), Modesto (2000, 2004, 2007, 2008),

Rodrigues (2004), Buthers (2009), Avelar e Galves (2011), Buthers e Duarte (2012), Costa, Rodrigues e Augusto (2012) são alguns dos linguistas que já lidaram e/ou ainda estão trabalhando com o tema da possível perda do sujeito nulo no PBC.

Buthers (2009), Buthers e Duarte (2012) e Costa, Rodrigues e Augusto (2012), por exemplo, que são estudos recentes sobre o assunto, investigaram acerca do comportamento do PBC com relação ao preenchimento ou não da posição pré-verbal em construções impessoais, numa perspectiva gerativista. As conclusões alternam entre, de um lado, a justificativa de o PBC ser uma língua de sujeito nulo parcial, por isso preenche gradativamente determinadas posições de especificador, como Spec-TP; e, por outro lado, pela conjectura de essa língua passar a possibilitar o fenômeno da concordância do verbo com o tópico, na posição de Spec-CP.

Não obstante, além desses contextos de preenchimento fonológico em posições à esquerda de predicados impessoais, há outras construções atípicas que também merecem atenção. Acreditamos que, não por coincidência, o PBC tem apresentado muitas construções cujo XP à esquerda do verbo tem sido interpretado como tópico/foco ou como tópico-sujeito (cf. ARAÚJO, 2009; AVELAR; CYRINO, 2009; BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2009; COSTA; GALVES, 2001; KATO; DUARTE, 2008; MUNHOZ; NAVES, 2002; NEGRÃO, 1999; PILATI; NAVES, 2014; PONTES, 1986, 1987; VASCO, 2006; etc.). Por isso, com o intuito de continuar os estudos acerca do tema, apresentamos neste artigo, de maneira qualitativa, outros fenômenos relacionados à emergência da ordem [XP V (DP)]. Em suma, analisamos morfossintaticamente construções com um XP à esquerda do verbo – sendo sujeito, tópico ou tópico-sujeito – como estratégia de valoração do traço EPP¹.

¹ Em Chomsky (1981), EPP era tratado como um princípio: o Princípio de Projeção Estendida, prevendo que toda frase deveria ter sujeito. Na versão mais recente da teoria gerativa, o minimalismo, EPP é um traço. Segundo Chomsky (1995, p. 232), “o Princípio de Projeção Estendida (EPP) plausivelmente se reduz a um traço D-forte de I’”. Nas palavras de Holmberg (2000, p. 456), EPP é um traço “que requer que a posição de Spec-TP seja preenchida lexicalmente em todas as sentenças finitas”.

Antes de passar à análise dos dados, apresentamos, na seção seguinte, os pressupostos teóricos que seguimos para a proposta que delinearemos para explicar como XPs variados estão emergindo na periferia esquerda dos verbos.

2. Quadro teórico

Nesta seção, nosso objetivo é apresentar um recorte dos pressupostos teóricos que embasam nossa análise. Para tanto, na **subseção 2.1**, apresentamos os pressupostos teóricos do Modelo de Derivação por Fases (cf. CHOMSKY, 2001, 2005), cujo foco de interesse diz respeito à formação de objetos sintáticos por meio da interação entre traços gramaticais dos itens. Na **subseção 2.2**, descrevemos sucintamente a proposta de Holmberg (2000) acerca do fenômeno do fronteamto estilístico encontrado em línguas escandinavas. A intenção é retomar a justificativa teórica desse autor para explicar o fenômeno do fronteamto estilístico (*stylistic fronting*) encontrado no escandinavo, que é a presença de um traço [*uP*], contraparte fonológica do traço EPP, no núcleo T°. Faremos uso de parte de suas intuições para interligar com outras perspectivas de análise correlatas. Na **subseção 2.3**, discorreremos sobre o trabalho de Miyagawa (2010), que estipula a presença de um nódulo funcional extra na estrutura arbórea (αP), com traços gramaticais [*phi*], de [Foco] e/ou de [tópico] herdados de C, permitindo o preenchimento de posições argumentais à margem esquerda dos verbos em línguas orientadas para o discurso. A abordagem desse autor contribuirá com a linha de raciocínio que estamos seguindo para explicar o aparecimento de determinados XPs na posição de Spec-TP no PBC.

2.1 Chomsky (2005) – A projeção C-TP

A tese defendida por Chomsky (2005) – conhecida como “Tese Minimalista Forte” – afirma que o que legitima a linguagem é a interface estabelecida entre os sistemas conceitual-intencional (CI) e o sensorio-motor (SM). Para Chomsky (ibid.), a

propriedade principal da linguagem é que “ela é um sistema de infinitude discreta, consistindo de objetos organizados hierarquicamente” (p. 4). Dessa maneira, objetos sintáticos (SOs) são formados por meio de uma operação que junta outros objetos sintáticos já prontos. Essa operação é chamada de *Merge*. A operação *Merge* de X e Y permite a formação do objeto {X,Y}, com os dois elementos permanecendo invariáveis, segundo a NTC (Condição de Não-Mudança). Objetos sintáticos são formados por sucessivas aplicações de *Merge*.

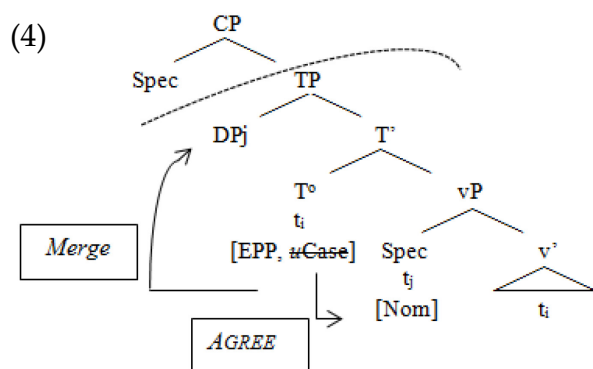
Para um item entrar na computação sintática, é necessária alguma propriedade que permita essa operação. Essa propriedade é o que o autor chama de “traço de margem” (EF), o qual permite que um item seja juntado. Objetos sintáticos são, então, formados da seguinte maneira: itens lexicais são selecionados do léxico e, por meio de *Merge* (juntar), novos objetos sintáticos são formados; para a devida concretização da operação *Merge*, um item lexical deve possuir um traço de margem (como o EPP, por exemplo) na posição mais alta da sonda; e com traços do objeto alvo combinantes com os traços ininterpretáveis da sonda, o objeto sintático é juntado na posição de especificador da sonda. Por outro lado, caso os traços ininterpretáveis estejam no alvo, e não na sonda, a combinação de traços pode se dar por meio da operação *AGREE*, que destitui a operação de *Merge*, promovendo a valoração à distância. Com traços ininterpretáveis valorados por *Merge* ou *AGREE*, esses são, consecutivamente, apagados, muito embora traços fonéticos ainda continuem acessíveis à computação (cf. CHOMSKY, 2001). Esse processo deve se estabelecer antes de a estruturação sintática ser enviada aos níveis de interface.

2.1.1 A fase C-TP

C é um rótulo para a região denominada por Rizzi (1997) de “periferia esquerda”, que envolve, possivelmente, um espriamento de traços de núcleos

funcionais. O nível CP, segundo Miyagawa (2010), denota a estrutura da expressão completa. Segundo Chomsky (2001, 2005), não parece simples, à primeira vista, visualizar o nível TP estabelecendo um limite de margem com C, já que, na superfície, parece ser T, não C, o lugar dos traços-*phi* que estão envolvidos no sistema de concordância Nominativa, e da origem do sujeito argumento externo, de objetos de passivas/acusativas ou até mesmo de locativos em Spec-TP.

Há, entretanto, razão para suspeitar que traços-*phi* e de tempo de T sejam derivativos de C. Se C-T concordam com o DP alvo, o último pode permanecer *in situ* sob concordância à longa distância, com todos os traços ininterpretáveis valorados; ou o DP pode alçar até Spec-T, em cujo ponto está inativado, com todos os traços valorados, e não pode alçar adicionalmente para Spec-CP, conforme é evidenciado em (4), a seguir:



Na configuração sintática, o núcleo T° tem dois traços ininterpretáveis a serem valorados: o traço Nominativo e o traço EPP. O DP em Spec-vP tem um traço de Caso ininterpretável. O traço de Caso do DP é valorado à distância, por meio de AGREE, como NOM; e o traço EPP da sonda junta o DP em Spec-TP e a valoração acontece. Nesse ponto, o DP não está mais suscetível a novos *Merges*.

Deriva-se, dessa forma, então, a distinção A-A'. Há ampla evidência de que essa distinção existe: se a distinção é imposta pela interface C-I, então, a Tese Minimalista Forte será satisfeita por algum dispositivo para estabelecê-lo, e a herança de traços de C pelo item lexical selecionado por C (ou T) oferece um mecanismo simples. Quando traços-*phi* aparecem morfológicamente em T sem tempo (ou em participios, etc.), esses traços poderiam então ser considerados como um efeito morfológico da concordância, sem significado na computação sintática. Nessas

circunstâncias, o fato de TP não poder ser retirado da estrutura, ou, por outro lado, não aparecer sem C, isoladamente, traz evidência adicional para suspeitar que TP apenas tenha características de fase quando é selecionado por C, isto é, quando os traços que dele fazem parte são herdados de C.

Segundo Miyagawa (2010), traços-*phi* e de tópico-foco são todos juntados no núcleo fásico C e, quando necessário, o núcleo T os herda. Em geral, T herda traços-*phi*. Porém, o fato de T herdar foco ou tópico proporcionaria uma distinção mais eminente entre as línguas – línguas em que T herda apenas traços-*phi* de C são línguas de concordância; e línguas em que T herda, também, traços de tópico ou foco são orientadas para o discurso, no sentido de É. Kiss (1995). Entretanto, Miyagawa (*ibid.*, p.50), ao assumir a tese minimalista forte, diz que todos os traços são compartilhados entre as línguas e, de certa forma, todas as línguas os manifestam. Se isso é verdade, pode ser que uma língua seja ainda, de concordância, embora com o traço de pessoa não mais distintivo, como o PBC (cf. COSTA; DUARTE; SILVA, 2006); mas, por outro lado, apresente também características de orientação para o discurso, com elementos topicalizados manifestando-se lexicalmente em posição pré-verbal, valorando outros traços presentes em T. Nesse sentido, devido a algum processo de mudança, tais línguas não possam ser consideradas mais de concordância prototípicas, mas ainda também não podem ser categoricamente classificadas como de orientação para o discurso.

2.1.2 O traço EPP

O traço de margem EPP – primeiramente tratado como um Princípio de Projeção Estendida (EPP), requerendo que toda oração tivesse um sujeito (cf. CHOMSKY, 1981) –, em análises recentes é considerado como uma propriedade misteriosa (CHOMSKY, 2005).

Para Chomsky (1995), EPP tem um traço D ininterpretável que necessita ser checado; e, para que isso se processe, um DP, como, por exemplo, o argumento externo do verbo, deve ser atraído para a posição de Spec-TP.

Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) apresentam uma teoria que se conforma com a proposta de Chomsky (1995). Para as autoras, EPP é universal e corresponde a um traço D forte em I, requerendo morfologia rica de concordância em T ou o movimento de um DP para Spec-TP.

Holmberg (2000) argumenta que EPP também possui uma “parte fonológica”, denominada pelo autor de traço [P]. Essa propriedade fonológica de EPP é motivada, segundo Holmberg (*idem*), por muitos casos de línguas que só satisfazem ao EPP quando um elemento fonético é inserido na posição de Spec-TP.

Como visto, o tratamento mais usual do EPP é sintático. No entanto, seguindo outra vertente, É. Kiss (2002) argumenta que parte do EPP vem de fatores semânticos, uma vez que, segundo sua teoria, existe uma restrição sobre a estrutura argumental, a qual requer que o argumento marcado para sujeito seja aquele com maior proeminência temática.

Independentemente das propostas quanto ao estatuto gramatical de EPP, isto é, se ele deve ser considerado como um fenômeno semântico ou sintático, o fato é que todos os autores concordam quanto ao efeito desse traço de margem presente nos núcleos sintáticos. Ou seja, EPP é um traço de margem, ininterpretável, e sua formulação por Chomsky (1995, p.55) prevê que a posição de Spec-TP tem de ser preenchida lexicalmente.

Fato é que as investigações apresentadas até o momento, incluindo EPP como responsável por algum fenômeno linguístico, nem sempre têm dado conta de avaliar todas as performances sintáticas relacionadas com esse traço. Em suma, os problemas deixados para investigação futura quase sempre se conectam com uma questão primordial: (i) como um único traço pode ser capaz de suscitar numerosos comportamentos sintáticos nas línguas em geral?

Na tentativa de responder a essa pergunta, senão minimamente com relação a um fenômeno específico da língua – o parâmetro do sujeito nulo – propomos uma análise baseada na fatoração dos traços que constituem o EPP. Essa proposta será delineada neste artigo, procurando explicar por que não apenas sujeitos prototípicos preenchem a posição de sujeito, mas também tópicos e tópicos-sujeito.

2.2 Holmberg (2000) e o *Stylistic fronting*

Holmberg (2000, 2016) analisa o fronteamento estilístico (SF) que ocorre em algumas línguas escandinavas. Nessas línguas, tal fronteamento é operante no islandês e no faroês. Em conformidade com Holmberg (ibid.), o SF é “uma operação que move uma categoria (...) para o que parece ser a posição de sujeito quando essa posição está vazia (...)” (p. 445). Para analisar o fenômeno, Holmberg (ibid.) apresenta duas teses centrais, a saber: (i) a categoria XP movida por SF funciona como um puro expletivo em sua posição derivada, a qual é Spec-TP; (ii) o que é movido por SF é apenas a matriz de traço fonológico de uma categoria.

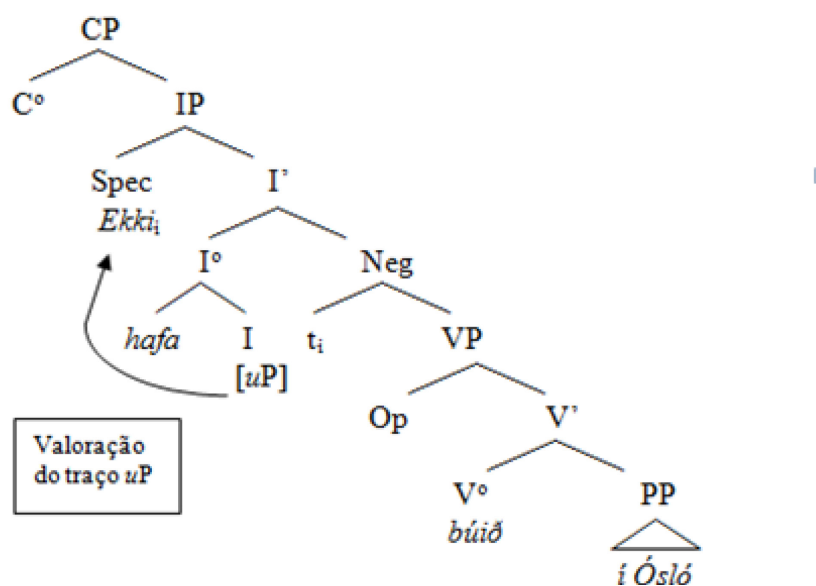
De acordo com Holmberg (ibid.), I finito contém traço [uD], ou seja, um traço que precisa ser valorado e apagado. Esse traço é responsável por atrair uma categoria que contenha um mesmo traço D combinante para o núcleo T^o ou para Spec-TP – essa categoria pode ser qualquer DP, como sintagmas nominais definidos, pronomes e clíticos pronominais; e, em algumas línguas, o morfema de concordância do verbo. O traço [uD], em T^o , pode ser valorado pelo movimento do verbo ou pelo movimento (= *Merge* Interno) de um sujeito temático para a posição de Spec-TP.

O autor ainda explica que T^o também hospeda um traço [uP] (de “*phonological*”), que deve ser valorado por uma categoria visível fonologicamente,

juntada interna ou externamente (*merged*) em Spec-TP, como no exemplo do islandês, a seguir:

- (5) a. *Deir sem ekki hafa búíð í Oslo seaja að...*
 Those that not have lived in Oslo say that...
 ‘Those that have not lived in Oslo say that...’

(5) b.



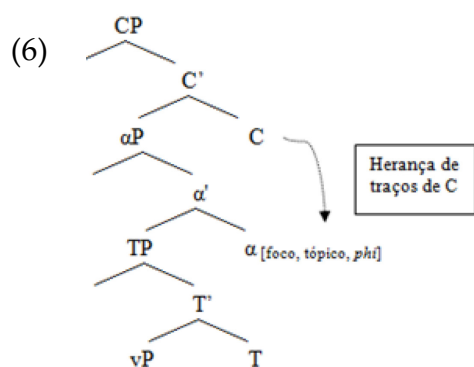
Conforme é possível observar na configuração acima, a partícula negativa ‘ekki’ tem seus traços fonéticos atraídos para Spec-TP para valorar o traço fonológico de EPP (uP), já que ela é a categoria com matriz fonológica mais próxima de T°. No dado em (5a), os elementos ‘Peir’ (*those*) e ‘sem’ (*that*) estão no domínio de C, não suscetíveis a valoração de traços em TP. Na posição de Spec-TP, a partícula negativa ‘ekki’ valora os traços [uD] e [uP] de T°. Outra proposta que nos servirá também de base teórica é a apresentada por Miyagawa (2010). Esse é o assunto da próxima subseção.

2.3 Miyagawa (2010) e a projeção sintática α P

Miyagawa (2010) procura analisar contextos de topicalização e focalização nas línguas em geral, mas, em detalhe, naquelas línguas orientadas para o discurso. Seu objetivo é buscar respostas para duas questões básicas relativas ao comportamento linguístico universal: por que existe concordância e por que existe movimento. A resposta sugerida por Miyagawa (ibid.) é que concordância e movimento são o resultado de operações distintas, que surgem com a tarefa compartilhada de oferecer condições ótimas para a realização do poder de expressividade das línguas humanas. Na próxima subseção, apresentamos um novo nível na projeção sintática, proposto por Miyagawa (ibid.), que seria responsável por alocar os XPs que são movidos como exigência dos traços na sonda – traços-*phi* ou traços de tópico-foco.

2.3.1 A projeção α P

A projeção α P é introduzida na estrutura sintática por Miyagawa (2010) na posição que intermedeia CP e TP. O núcleo dessa projeção pode herdar traços gramaticais de C° no momento da concatenação entre os níveis CP e TP. Como defendido por Chomsky (2001,2005), muitos dos traços que, na superfície, parecem de T° , na verdade são herdados de C° . Como defendido por esse autor, e mostrado na subseção 1.2, TP só apresenta tempo quando concatenado a CP. Os traços que podem, assim, ser herdados do núcleo C, como assumido por Miyagawa (op. cit.), incluem traços-*phi*, traços de foco e de tópico:



Para Miyagawa (2010), a necessidade da inserção desse nível deve-se ao fato de que, em algumas línguas, dois elementos argumentais aparecem em posição anterior ao verbo. Esse nível, então, seria uma alternativa para alocar tais argumentos, que não estão na posição de C, isto é, uma posição A-barra, na qual não há valoração de traços temáticos.

Diferentemente de alguns autores que justificariam a posição dos argumentos devido à valoração do traço de Caso (cf. KOIZUMI, 2003; apud NOMURA, 2005), Miyagawa (op. cit.) defende que os traços motivadores do movimento são, na verdade, tópico e foco, nas línguas orientadas para o discurso; e traços-phi, nas línguas de concordância. Segundo o autor, todos esses traços são herdados de C°.

Passemos agora aos dados para análise.

3. Análise dos dados

Nesta seção, apresentamos os dados selecionados para análise. Uma parte desses dados é oriunda de um *corpus* de língua falada, da região de Matipó (MG); a outra parte deles é proveniente dos trabalhos dos autores que investigaram fenômenos correlatos. As sentenças selecionadas com a ordem [XP V (DP)] serão demonstradas e discutidas com base na investigação de variados autores que já estudaram esse fenômeno. Na **subseção 3.1**, explicaremos dados com a posição de Spec-TP sendo preenchida por elementos prototipicamente sujeitos, quase sempre, em forma pronominal. Essa subseção será dividida em outras subseções, segundo os XPs que ocorrem na posição de sujeito. Na **subseção 3.2**, apresentaremos dados com a posição à esquerda do verbo preenchida por tópicos-sujeito, no sentido de Pontes (1987), e também por elementos que muitos autores consideram como o tópico da sentença.

3.1 Sujeitos

3.1.1 Pronominais

Formas pronominais são previstas para ocuparem a posição de sujeito no PB. Entretanto, o PB atual tem mostrado alguns contextos nos quais pronominais não convencionais têm desempenhado esse papel, principalmente em construções nas quais a posição à esquerda do verbo poderia aparecer foneticamente nula. Vejamos:

Pronomes Fracos

Em Buthers (2009) e Buthers e Duarte (2012), o enfraquecimento da concordância no PBC foi analisado como uma das causas por que essa língua deixa de licenciar sujeito nulo. Conforme Kato (1999), “o Português Brasileiro Moderno exibe uma produtiva duplicação de pronomes-sujeito, com pronomes fortes e fracos exibindo formas quase homófonas” (p. 13)². O quadro abaixo, adaptado de Kato (*ibid.*), ilustra esse fenômeno:

Quadro 1 – Emergência de pronomes fracos em PB contemporâneo.

<i>PESSOA</i>	<i>PRONOMES FORTES</i>	<i>PRONOMES FRACOS</i>
1ª singular	Eu	Ô [o]
2ª singular	Você	Cê [χε]; ocê [oχε]
3ª singular	Ele/Ela	Ê [εψ], El [ελ]
1ª plural	A gente	A gen [α φεν] ¹⁹
2ª plural	Vocês	Cês [χεZ]; Ocês [oχεZ]
3ª plural	Eles/Elas	Eis [εΨZ]; Éas [EAZ]

Fonte: Buthers (2009, p. 95).

Kato (1999) correlaciona esse fenômeno com a crescente perda de sujeitos nulos referenciais no PBC. Na sequência, alguns dados de oralidade confirmam a proposta de mudança no sistema pronominal do PB, delineada por Kato (*ibid.*):

² Tradução minha. Texto original: “Modern Brazilian Portuguese exhibits a productive overt doubling of subject pronouns, with the strong and weak pronouns exhibiting quasi-homophonous forms.” (KATO, 1999, p. 13).

- (7) *Ês* tá morano tudo em Santa Gertrude memo... São Paulo (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (8) Que *êi* já evém de lá pra cá... que *êi* evem pegano pontuação... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (9) ...*Êa_i* teje na igreja e tudo... que *ela_i* vê *ela_i* garra ne quarqué pessoa de mais idade que é vó... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (10) e *ê* já evem pegano os ôtro ritmo que num teim nada a vê... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (11) *Ocê* chegar nesse bandido e falar, você matou. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (12) Se *ocêis* me insiná... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)
- (13) Não... *cê* tem que aprendê é desse jeito... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

O curioso nos dados acima é que as formas fracas no plural não engatilham necessariamente a concordância de pessoa no verbo. Isso fica particularmente instanciado nos exemplos (7) e (12) em que os pronomes *Ês* e *ocêis* não apresentam relação de concordância com o verbo. Uma maneira de captarmos essa discrepância é acompanhar a proposta de Ramos (2006), segundo a qual o aparecimento das formas fracas clíticas, muitas vezes redobrando os traços de pronomes fortes e de sujeitos não-pronominais na posição de tópico, seja decorrente da necessidade de compensação da falta de morfema verbal número-pessoal. Ou seja, o surgimento das formas fracas seria reflexo de uma etapa do ciclo de gramaticalização dos pronomes fracos, os quais passam de pronomes fracos plenos a formas pronominais clíticas. Em relação ao pronome fraco *cês*, Othero (2013) assume que, diferentemente de outras formas pronominais, esse pronominal, especificamente, não pode ser considerado clítico. Segundo o autor, muito embora funcione prosodicamente como outras partículas fracas, *cês* tem características sintáticas próprias, as quais o levaram a classificá-lo como um pronome novo, nem clítico e nem tônico, podendo funcionar

sintaticamente como sujeito da frase. Já em análise do par *Eles/ês*, Ramos (2006) observa essa mesma característica da concordância do pronome fraco *ês* com o verbo. Os resultados de sua análise registram uma porcentagem de 65% dos dados com realização do pronome no plural e verbo no singular, conforme é possível observar na tabela abaixo:

Tabela 1 – Porcentagem de pronomes não-fortes, conforme número do verbo.

	Nº	%	Prob.
Sujeito e verbo no plural	82	40	.56
Sujeito plural e verbo no singular	66	65	.74

Fonte: Ramos (2006, p. 77).

Na tabela, é possível verificar que o surgimento da forma fraca de 3ª pessoa do plural é consequência de um processo de gramaticalização pela qual passou a forma plena *eles*. A autora analisa o resultado da tabela acima como um reforço para assumir o estatuto afixal de *ês*. Segundo ela, “parece que o pronome não forte ‘compensa’ a desinência verbal. Em outras palavras, ele desempenharia a função de desinência.” Essa constatação de Ramos (ibid.) nos ajuda a reforçar a hipótese segundo a qual XPs, sejam eles adverbiais, pronomes fracos ou clíticos, estão cada vez mais acionados na posição à esquerda do verbo como reflexo da perda da propriedade de licenciar sujeitos nulos no PBC. Assim sendo, o surgimento de formas fracas, em contextos nos quais o PB não-contemporâneo licenciaria sujeito nulo, pode ser visto como mais uma estratégia que o PBC se utiliza para compensar a perda da propriedade de licenciar sujeito nulo e como uma nova estratégia de valoração do traço EPP da sentença.

Os dados (8), (9) e (10) mostram a realização da 3ª pessoa do singular fraca, cujos contextos se mostram com referência definida. Conforme é possível notar, o preenchimento da posição de Spec-TP é visível e significativo, inclusive em dados onde sua manifestação poderia ser nula, haja vista sua coocorrência com itens

figurando na mesma sentença. Duarte (1993) afirma que a 3ª pessoa do singular aparecia preenchida sempre que não encontrava um antecedente ao qual se conectar para possibilitar sua identificação. Os dados apresentados acima, com a 3ª pessoa do singular fraca, ratificam os resultados da pesquisa dessa autora.

Outro fato verificado é que a concordância, nesses casos, é devidamente efetuada. Conforme visualizado nos exemplos, (11), (12) e (13) representam a ocorrência do pronome *cê/ocê* à esquerda do verbo. Em relação a esses dados, dialogamos com Othero (2013), que alega que as formas fracas *cê/ocê/ocêis* aparecem na gramática como derivativas da forma de tratamento 'Vossa Mercê'. Entretanto, essas formas pronominais ganham um novo estatuto sintático, que as situa numa posição intermediária entre pronomes tônicos e clíticos. São formas pronominais novas, não necessariamente produto de gramaticalização, mas que emergem também, conjectura-se, para aumentar o rol de estratégias de valorização do traço EPP no núcleo T° no PBC.

3.1.1.2 Pronome “eles” genérico ou arbitrário

O pronome “eles” tem sido amplamente estudado na literatura, haja vista seu comportamento inusitado quando se apresenta como o sujeito da oração. Em muitas situações, esse pronome tem sido usado na posição de sujeito, porém, com referência genérica ou arbitrária. Souza (2007) analisou o pronome e arrolou em seu trabalho dados como os que seguem:

- (14) A empresai, **eles**_i reembolsaram passagem, hospedagem, alimentação...
- (15) Espíritoi... **eles**_i ficam preso aqui na terra.
- (16) Teria que tá ligano pra **eles** efetuarem o depósito.
- (17) O EPAi, hoje em dia **eles**_i têm a preferência de mesclar.

Segundo Souza (ibid., p. 24),

as GTs prescrevem que o uso de pronomes pessoais sujeitos deve ser omitido uma vez que as desinências verbais permitem recuperar a pessoa gramatical. Assim sendo, sua realização plena só se justificaria em casos de ênfase ou ambiguidade, como acontece no italiano e no espanhol. Entretanto, contrariando essa visão normativa, encontram-se, no português, várias formas pronominais plenas sendo realizadas fonologicamente ainda que os contextos não sejam nem enfáticos nem ambíguos (p. 24).

Como é possível observar nos dados, o pronome “eles” poderia ser retirado das frases sem comprometimento do sentido. Nos dados (14), (15) e (17), inclusive, sua única função é retomar o termo topicalizado na frase. Em (16), possui interpretação genérica, numa situação em que poderia, sem problema algum, ser omitido – como nos casos de indeterminação do sujeito, conforme a gramática tradicional. Dados como esses já foram analisados por Buthers (2009) e Buthers e Duarte (2012), e o pronome “eles” foi interpretado na ocasião como mais uma estratégia de preenchimento da posição de sujeito para proceder à valoração de EPP em Spec-TP.

Para corroborar a análise de Buthers (2009) e Buthers e Duarte (2012), trazemos à análise atual o estudo de Souza (2013), que ampliou sua pesquisa acerca do pronome “eles” em posição de sujeito. Nesse trabalho, a autora contempla dados nos quais o pronome “eles” ou sua forma reduzida “es” com referência arbitrária aparecem em posição de sujeito em construções impessoais, como se vê abaixo:

(18) Quando o Palácio das Artes fez 30 anos, **eles** fizeram uma revista. (ibid., p. 92)

(19) Tem pinga com pitanga, com não sei o quê, com uva, com todos os sabores.

Es dão o copinho pra você experimentar. (ibid.)

Muito interessante essa análise, uma vez que construções impessoais são apresentadas nas gramáticas de cunho tradicional como aquelas que não têm sujeito.

Se o pronome “eles”, ou sua forma reduzida “es”, aparece nesses contextos, é porque no PBC existe algum requerimento sintático para justificar tal preenchimento. Consoante nossa análise, tal requerimento é a valoração de EPP. Nas palavras de Souza (ibid.): “... a redução do pronome ‘eles’ seria um desdobramento de uma mudança em progresso na língua, qual seja, o preenchimento da posição de sujeito pelo pronome ‘eles’” (p. 116).

Segundo Souza (ibid.), existem graus de impessoalidade nas construções sintáticas. E quando a impessoalidade é marcada pelo pronome de 3ª pessoa (“eles”), as construções que se mostram com menor referência são aquelas que apresentam a forma reduzida “es” na posição de sujeito. Quando “es” aparece em posição de sujeito, a concordância entre o verbo e o sujeito raramente acontece. Os graus de referencialidade são demonstrados a partir do tipo de antecedente do pronome “eles”. A autora apresenta a seguinte tabela, contendo os resultados de sua análise conforme o perfil da impessoalidade do elemento antecedente a “eles”:

Tabela 2: Perfil da impessoalidade como gradação.

	+Ref	+Ref	+Ref	+Ref	-Ref
	Locativo	Coletivo	Genérico	Indefinido	
Eles	.77	.65	.54	.33	-

Fonte: Souza (2013, p. 116).

A interpretação da tabela permite entrever que “eles” sempre é usado como sujeito referencial. Isso porque não existem, ainda, no PB, casos de sujeito expletivo, segundo a autora.

Passemos à investigação dos dados com tópicos-sujeito.

3.2 Tópicos-sujeito e/ou Tópicos

Além dos contextos acima, é pertinente destacar outros muito recorrentes no PB atual, já bastante estudados pelos linguistas, e que parecem corroborar essa

tendência de preenchimento de Spec-TP – as construções que envolvem um XP à esquerda do verbo, interpretado como tópico ou tópico-sujeito. Vejamos:

- (20) a. O pneu dos carros furou.
b. Os carros furaram o pneu. (AVELAR; GALVES, 2011, p. 69)
- (21) a. A pele das minhas pernas rachou.
b. As minhas pernas racharam a pele. (ibid.)
- (22) a. Bate bastante sol nas casas.
b. As casas batem bastante sol. (ibid.)
- (23) a. Há sombra na varanda.
b. Na varanda tem sombra./ A varanda tem sombra. (ibid.)
- (24) a. Está nascendo dente na Sarinha.
b. A Sarinha tá nascendo dente. (PONTES, 1987; apud PILATI; NAVES, 2012, p. 4)

As sentenças em (a) de (20-24) constituem a ordenação formal predita pelas gramáticas tradicionais, com verbos inacusativos ou com verbos impessoais, com a devida concordância entre o verbo e o sujeito, onde esse está presente. Já nas sentenças em (b), o elemento à esquerda do verbo não é o sujeito prototípico em alguns casos e/ou não é o esperado em outros casos; no entanto, a concordância ainda se estabelece entre esse elemento na periferia e o verbo da sentença, o que nos chama à atenção, uma vez que as gramáticas tradicionais conceituam o sujeito como aquele que está em concordância com o verbo (cf. PERINI, 2007). Então, apesar de não prototípicos, estabelecem concordância com o verbo.

Em (20b), Avelar e Galves (2011) interpretam o DP “os carros” à esquerda do verbo como um tópico na posição de Spec-TP. Nesse caso, no sistema C-TP, quando C^o é conectado, os traços-*phi* ininterpretáveis de C^o são valorados com o elemento não-argumental na posição de sujeito. Os autores adotam a perspectiva chomskyana

(CHOMSKY, 2008) de que T° pode herdar traços do núcleo C^3 (ver também MIYAGAWA, 2010). Na construção em análise, antes de os traços-*phi* serem transferidos para T° , eles são valorados pelo DP tópico em Spec-TP, pela operação *AGREE*. A devida concordância é estabelecida entre o DP em Spec-TP e os traços-*phi* de C° , que não foram ainda transferidos para T° , na perspectiva de Avelar e Galves (2011). Segundo os autores, essa não é uma construção aceita no PE; é típica do PBC, sobre o qual os autores argumentam que é uma língua na qual EPP é *phi*-independente⁴ (cf. HOLMBERG, 2010). Isso quer dizer que qualquer categoria pode ser juntada (*merged*) em Spec-TP, independente de concordar ou não com o verbo em T. Valem-se da mesma explicação para o dado em (21b).

Já Naves e Munhoz (2012) argumentam que os exemplos em (20a-b) revelam-se como construções diferentes e, obviamente, a justificativa para o DP juntado antes do verbo também é distinta. Para as autoras, (20b) reflete o caso em que o DP antes do verbo, o DP “os carros”, interpretado como “genitivo”, pois é um elemento que representa o ser possuído, encontra-se numa posição da projeção denominada αP – intermediária entre CP e TP (ver MIYAGAWA, 2010). Já (20a) é uma construção diferente, com derivação também diferente. O PP genitivo “dos carros” está na posição de argumento do inacusativo biargumental⁵, semelhantemente ao que propõe Lunguinho (2006). Segundo Naves e Munhoz (op. cit.), as duas construções (20a-b) não são contrapartes, isto é, uma não provém da outra. Ambas representam, cada uma, sua própria projeção. Já o exemplo em (22b), analisado por Naves e Munhoz (2012), com o locativo na posição à esquerda do verbo, encontra-se numa

³ Chomsky (2008) relaciona essa proposta com o fato de, em línguas como o inglês, T ser defectivo (no que tange aos traços- φ) quando sua projeção não é um complemento de C, daí a ideia de os traços- φ pertencerem originalmente a C, e não a T, sendo transferidos para esse no decurso da derivação.

⁴ Isso quer dizer que, no PB, o EPP é *phi*-independente, porque não é a concordância fator imprescindível para a valoração desse traço.

⁵ A respeito da inacusatividade biargumental, remeto o leitor a Munhoz (2011).

construção também inacusativa biargumental e a análise das autoras para o dado é a mesma daquela do dado em (21b).

Para (23b), Avelar e Cyrino (2009) alegam que sentenças com essa ordem, qual seja, a de inversão locativa, têm a ver com o contato do português com as línguas bantu. Os autores explicam que, no processo de aquisição do português como segunda língua, as crianças optam por construções sintáticas mais simples do que aquelas dos falantes de língua materna. Dessa maneira, na aquisição da língua, as crianças interpretam inversões locativas com o PP locativo juntado diretamente em Spec-TP, opção mais simples que a dos falantes nativos, que interpretam o PP locativo numa posição adjunta a TP. Já Avelar e Galves (2011) justificam que o PP anterior ao verbo está, de fato, em Spec-TP, no PB contemporâneo. Eles corroboram essa hipótese ao contrastar dados de PP locativo com dados agramaticais sem o PP locativo, como segue:

- (25) a. * Consertava sapato.
b. Naquelas lojas consertava sapato. (AVELAR; GALVES, 2011, p. 53)

O fato de o PP tópico não concordar com o verbo em T, na sentença (25b), leva os autores a defenderem que, em PB contemporâneo, EPP é *phi*-independente. E a agramaticalidade de (25a) sugere que o PP locativo está, sim, em Spec-TP.

A sentença em (24b), em contexto impessoal, aparece com o DP “a Sarinha” em Spec-TP. Em PE, essa é uma posição em que o sujeito deve ser obrigatoriamente nulo. As análises de todos os autores citados até o momento dão conta de explicar, com os mesmos argumentos, o DP nessa posição anterior ao verbo.

Por outro lado, em consonância com Pilati e Naves (2013), todos os dados arrolados até o momento podem ser analisados de uma mesma maneira, mas com uma explicação distinta das apresentadas até agora. Segundo as autoras, o PB

contemporâneo tem apresentado construções com XPs inesperados à esquerda do verbo, principalmente quando este está flexionado na 3ª pessoa, porque houve uma cisão das três pessoas gramaticais no PB contemporâneo, no sentido de Bhat (2004)⁶. Nas palavras das autoras, “trata-se, portanto, de um fenômeno de cisão na categoria pronominal do PB, que passa a distinguir, de um lado, 1ª e 2ª pessoa, com traço de referencialidade; e, de outro lado, 3ª pessoa, sem traço de referencialidade” (op. cit., p. 248). Ou seja, em construções com a 3ª pessoa, sem traço morfológico de referencialidade, o traço D (ou EPP, em conformidade com CHOMSKY, 1995) de T está suscetível a ser valorado por quaisquer XPs antes do verbo.

Na sequência, explicitamos nossa proposta teórica para explicar por que no PB contemporâneo tem sido autorizado, ou até mesmo exigido que a posição à periferia à esquerda do verbo apareça lexicalmente preenchida.

4. Proposta teórica

4.1 EPP: um conjunto de traços?

No intuito de oferecer uma possível solução teórica para questões relacionadas ao aparecimento de XPs⁷ para posições argumentais ou não, os linguistas têm, não raras vezes, atribuído ao traço EPP a motivação para esse comportamento (cf. CHOMSKY, 2001, 2005; HOLMBERG, 2000, 2016; MIYAGAWA, 2010, etc.). As análises, em geral, correlacionam o traço EPP a outros traços, e o trabalho mútuo entre esses traços resultaria nas diferentes construções sintáticas presentes nas

⁶ “Bhat (2004) argumenta, seguindo Benveniste (1971) e Lyons (1977), que a classe gramatical tradicionalmente conhecida como ‘pronomes’ não é uniforme e abriga elementos de naturezas distintas: de um lado, estão as formas pronominais que se referem aos indivíduos que participam do ato de fala e, de outro lado, as formas pronominais que não desempenham essa função. As primeiras o autor identifica como sendo os *pronomes pessoais* propriamente ditos e restringe-as aos pronomes de 1ª e 2ª pessoas do discurso; as últimas o autor identifica sob o rótulo de *proformas*, que são as demais formas pronominais, incluindo os pronomes pessoais de 3ª pessoa, os demonstrativos, os indefinidos, os interrogativos, etc.” (apud PILATI; NAVES, 2013, p. 244).

⁷ Movimentos desencadeados por EPP: wh, foco, tópico, “scrambling” (cf. MIYAGAWA, 2005, p. 2010).

línguas em geral. Ou, por outro lado, atribuem a EPP, por si só, sem combinação com outros traços, alguns desses comportamentos.

Assumimos, neste artigo, para dar conta dos dados com XPs variados na posição à esquerda do verbo, conforme visto na seção anterior, que o EPP deve ser fatorado nos traços [D], [P], [Foc] e [Top]. Na seção atual, apresentaremos evidências de que esses traços originam-se em C° e podem ser herdados por T°, em consonância com a análise de Miyagawa (2010).

No quadro teórico deste artigo, mostramos alguns fenômenos envolvidos na valoração dos traços [*u-phi*] (cf. CHOMSKY, 2001, 2005) e dos traços de tópico/foco (cf. MIYAGAWA, op. cit.). O que se tem assumido até o momento é que traços-*phi* sejam específicos do núcleo T° e que traços de tópico/foco sejam específicos do núcleo C°. Conforme evidenciado, isso não é totalmente verdade; ou seja, as evidências expostas pelos autores mostram que esses traços – *phi*, de tópico e foco – são todos originados em C°, e o núcleo T° pode herdá-los.

Evidências de que o traço [*u*D] origina-se em C° vêm de dados de línguas que apresentam concordância no nível CP, como os dados do turco, a seguir (cf. MIYAGAWA, 2005, p. 205):

- (26) a. [[*e_i* geçen yaz ada-da ben-i gor-en] kiş i-ler;_i]
 [[last summer island-LOC I-ACC see-(y)An] person-Pl]
 ‘the people who saw me on the island last summer’
- b. [[pro geçen yaz ada-da *e_i* gör-düğ-üm] kiş i-ler;_i]
 [[last summer island-LOC see-DIK-1.sg] person-Pl]
 ‘the people who(m) I saw on the island last summer’

Em (26a), com relativização do sujeito, não há morfologia de concordância sobre o verbo da oração encaixada. Em (26b), o objeto aparece relativizado. Então, nenhuma concordância no domínio de C acontece, estando o verbo livre para concordar com o sujeito, por meio da operação *AGREE*. Segundo Miyagawa (2005,

p. 205), “assumindo que a concordância originalmente aparece em C, ela consegue copiá-la para T”⁸, como em (26b). “Se o sujeito aparece em Spec de CP, entretanto, a concordância em C seleciona esse sujeito, e a concordância não vai para T”⁹, como visto em (26a). Dessa maneira, fica claro que a concordância origina-se em C^o e T^o pode herdá-la.

Em relação ao traço [*uFoc*], Miyagawa (2005, p. 206) argumenta que, em conjunto com concordância, eles estabelecem duas polaridades de uma variação paramétrica. Isso significa que [*uFoc*] também está em C^o e também pode ser herdado por T^o, de alguma maneira, como vemos no dado do kinande, a seguir:

- (27) Eritunda, n-a-ri-gul-a.
 Fruit.5 1SG.S-T-OM5-buy-FV
 ‘The fruit, I bought it.’

Em (27), o XP ‘eritunda’ está mais alto na sentença, focalizado, para possibilitar a concordância com o objeto, realizado foneticamente como ‘-ri-’. Isso significa que [*uFoc*] também está em C^o. Análise correlata ao traço [*uFoc*] pode ser estendida ao traço [*uTop*]. Vejamos o exemplo do japonês:

- (28) Taroo-wa piza-o tabeta.
 Taro-TOP pizza-ACC ate.
 ‘As for Taro, he ate pizza.’

⁸ No original: “Assuming that the agreement originally appears on C, it gets copied onto T” (MIYAGAWA, 2005, p. 205).

⁹ No original: “If the subject appears in Spec of CP, however, the agreement on C picks up this subject, and the agreement does not percolate down to T.” (ibidem).

O japonês tem o marcador discursivo *-wa*. Esse marcador sempre aparece à esquerda da frase e está na região de CP (cf. KUNO, 1973; JURODA, 1965; apud MYAGAWA, 2010, p. 74).

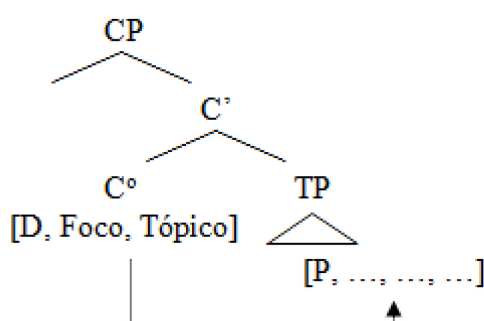
Já com relação ao traço [μ P], assumimos que seu local de origem é TP, uma vez que é essa a subparte de EPP responsável pelo preenchimento de Spec-TP em línguas de sujeito obrigatoriamente preenchido, quando há falta de herança por T dos traços [D], [foco] ou [tópico]. Nesse sentido, interpretamos tal traço como de natureza argumental. Vejamos o exemplo do inglês:

(29) It rains.

It-SUBJ rains-3SG

Nesse exemplo do inglês, a posição de especificador de TP aparece preenchida em função do traço [μ P] forte presente no núcleo T^o. Não há outros traços em T^o (D, Foco ou Tópico), além de [μ P] motivando o preenchimento da posição de Spec-TP.

Em síntese, então, assim podemos representar a natureza dos traços [μ D], [μ Foc], [μ Top] e [μ P]:



Traços de concordância, de foco e tópico nascem em C^o e podem ser herdados por T^o, como já discutido nas seções anteriores. Traço fonológico [μ P], correlacionado ao fenômeno do sujeito nulo, origina-se em T^o, como pode ser visto no quadro seguinte:

Quadro 2 – Natureza dos traços gramaticais constitutivos de EPP.

EPP	Origem
Tópico	C°
Foco	C°
D	C°
P	T°

Fonte: elaborado pelo autor.

Buthers (2009) e Buthers e Duarte (2012) analisaram os traços [*uP*] e [*uD*] como responsáveis pelo preenchimento ou não da posição de Spec-TP, argumentando que tais traços possuíam força relativa, ou seja: se o traço fosse **forte**, demandaria *Merge* interno ou externo nas posições de especificadores; sendo o traço **fraco**, a valoração se daria por intermédio de *AGREE*. Então, a variabilidade das línguas quanto à possibilidade de sujeito nulo estaria intrinsecamente conectada à força relativa desses traços. Abaixo, apresentamos o quadro com a primeira proposta de faturação de EPP (cf. BUTHERS, 2009), constando a força relativa dos traços:

Quadro 3 – Faturação de EPP.

	Traço	Força
EPP	<i>uP</i>	+/-
	<i>uD</i>	+/-

Fonte: elaborado pelo autor.

Dado que nada na literatura é dito acerca de os traços serem fracos, uma questão veio à tona: (i) há como dispensar a força relativa dos traços que constituem EPP, em conformidade com Buthers (2009) e Buthers e Duarte (2012)?

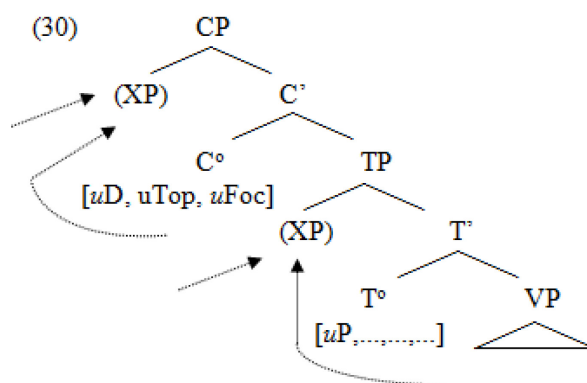
Analisando dados das línguas em geral e também dados selecionados para este trabalho, chegamos à conclusão de que podemos dispensar mesmo o caráter “fraco” dos traços. No entanto, não há como abrir mão do caráter “forte” que os traços de EPP contêm. Assim, assumimos que todos os traços gramaticais que compõem EPP estão distribuídos pelas línguas, sendo o caráter “força” inerente a eles. É esse caráter que justifica o preenchimento lexical nas posições de especificadores. Ou seja, não há outra

forma de explicar o porquê de essas posições deverem aparecer preenchidas em algumas línguas se não for pela presença de um traço forte nos núcleos das categorias TP e CP. Traços ininterpretáveis precisam ser valorados, mas nem sempre necessitam de *Merge* interno ou externo de um XP para que isso aconteça. Isso pode se dar por meio da operação *AGREE*, que é a valoração de traços à distância.

Na verdade, não apresentamos um fenômeno inédito, mas nossa forma de análise é inovadora. No nosso ponto de vista, então, temos a seguinte concepção de EPP:

O epifenômeno EPP é encontrado nas línguas em geral na forma de diversificados traços ininterpretáveis **fortes**.

Os traços ininterpretáveis fortes que formam EPP só podem ser valorados com *Merge* Externo (ME) – juntar – ou *Merge* Interno (MI) – mover – de XPs para as posições de especificadores dos núcleos que os contêm:



Em síntese, então, todas as línguas possuem a mesma série de traços (cf. MIYAGAWA, 2010). Quando ininterpretáveis e fortes, formam EPP, motivando ME ou MI de XP para a posição de especificador da categoria na qual se encontram – T° ou C°. A presença desses traços fortes explica os vários movimentos que ocorrem nas línguas em geral. Outrossim, oferece uma explicação para o fenômeno em foco neste estudo – o da emergência de XPs variados na posição à esquerda de V. Nas subseções

seguintes, apresentamos a proposta para a derivação das construções do PBC com a posição de especificadores preenchida.

4.2 Derivando construções com sujeitos, tópicos e tópicos-sujeito

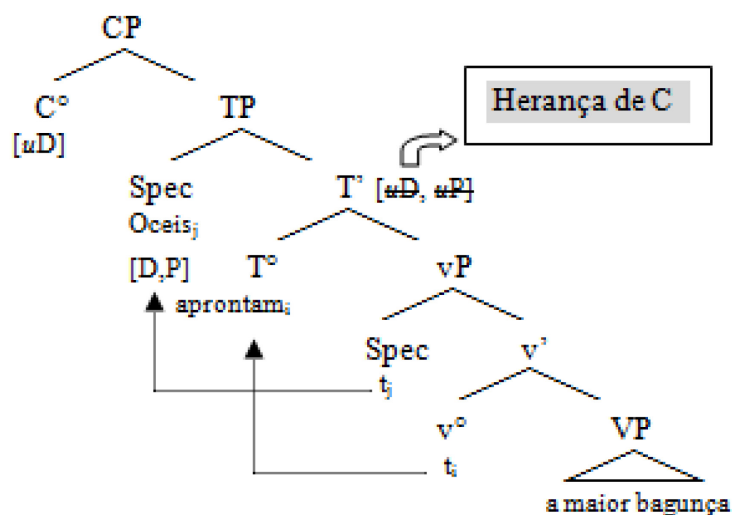
Escolhemos os seguintes dados para proceder à sua devida derivação a partir da proposta teórica delineada na subseção anterior:

- (31) *Oceis* aprontam a maior bagunça. SUJEITO
 (32) *Na Belina* cabe muita gente. TÓPICO-SUJEITO
 (33) *No Epa*, eles oferecem promoções. TÓPICO

Passemos à análise dos dados¹⁰.

4.2.1 Sujeitos

- (31') *Oceis* aprontam a maior bagunça

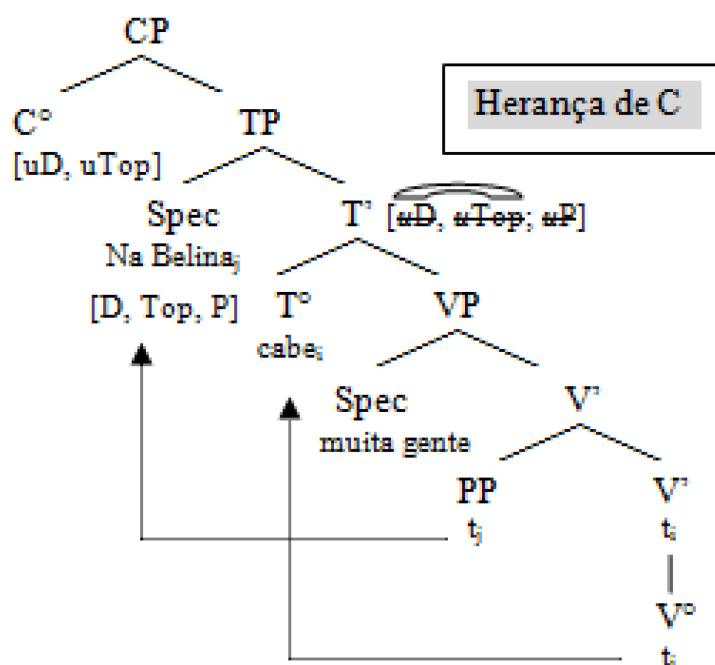


¹⁰ Nas derivações a seguir, usaremos apenas os traços pertinentes à análise proposta.

Nessa derivação, T° herda o traço [*u*D] de C°. E contém já o traço [*u*P], que requer preenchimento fonológico na posição de Spec-TP. Ambos os traços são contrapartes de EPP. Na ocasião em que o pronome *o*ceis se junta, por meio de *Merge* interno, a Spec-TP, os traços ininterpretáveis na sonda em T° são valorados pelos traços do pronome.

4.2.2 Tópicos-sujeito

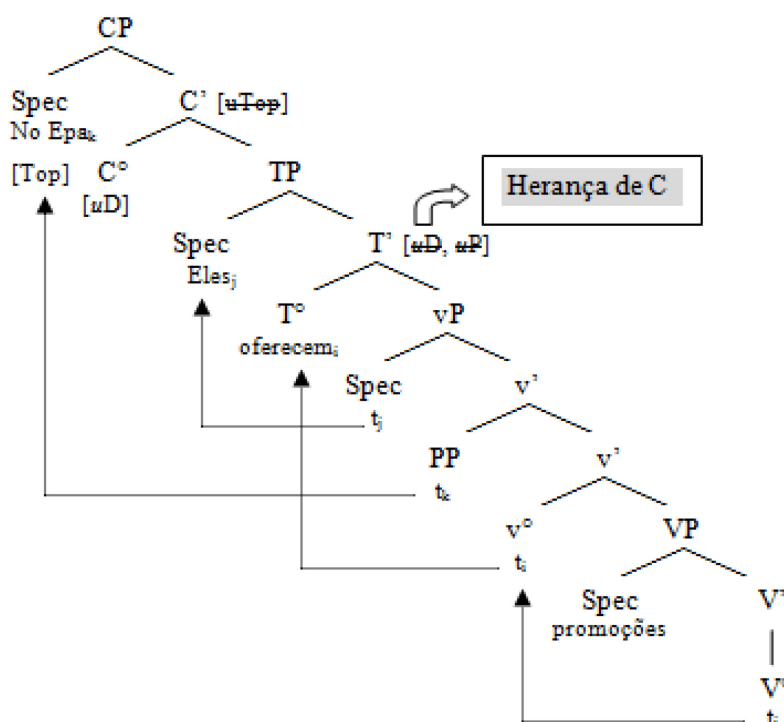
(32') Na Belina cabe muita gente.



Com as construções de tópico-sujeito, T, que já contém o traço [*u*P], herda de C os traços [*u*D] e [*u*Top]. A sonda em T busca no PP *na Belina* os três traços combinantes capazes de valorar seus traços ininterpretáveis. Para proceder à devida valoração dos traços, o PP junta-se, por meio de *Merge* interno à posição de Spec-TP. O DP 'a Belina', em Spec-TP, não é o sujeito da sentença, mas aí se encontra para valorar o traço [*u*Top] herdado de C°.

4.2.3 Tópicos

(33') *No Epa_i, eles_i oferecem promoções.*



Com tópicos e sujeitos presentes ao mesmo tempo, o sujeito é juntado (MI) em Spec-TP, valorando os traços [uD] – herdado de C – e o [uP]. O traço [uTop] não é herdado por T, já que Spec-TP já está ocupado. Então, como ele precisa ser valorado, a sonda busca o PP com o traço interpretável de Top e o junta em Spec-CP, procedendo, assim, à valoração dos traços ininterpretáveis EPP.

5. Considerações finais

Neste artigo, descrevemos construções com a ordem [XP V [DP], na qual XP é um sujeito, um tópico-sujeito ou um tópico. Oferecemos o olhar teórico de vários linguistas sobre o fenômeno, já tão estudado, mas ainda carente de explicações. Em nossa visão teórica, tais XPs emergem na sintaxe do PBC pelo fato de essa língua estar passando por um processo de mudança paramétrica, de língua de sujeito nulo para língua de sujeito obrigatório. No atual momento, pode ser considerado como língua de

sujeito nulo parcial. Defendemos que os XPs que aparecem à esquerda do verbo obviamente devem-se à valoração do traço EPP (cf. CHOMSKY, 2005). Porém, fatoramos o EPP para dar conta de explicar por que elementos sintáticos diversificados podem ocupar essa posição. E concluímos que, independente de sujeito, tópico-sujeito, tópico, esses elementos aparecem em Spec-TP ou Spec-CP para proceder à devida valoração dos traços ininterpretáveis fortes constitutivos de EPP. Traços que, conforme Miyagawa (2010), podem ser herdados de C° ou já se originam diretamente em T°. Com EPP fatorado, podemos dar conta também de explicar outros fenômenos sintáticos relacionados a esse traço. Mas isso é assunto para artigos futuros.

Referências Bibliográficas

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. Parametrizing AGR: word order, V-movement, and EPP-checking. **Natural Language & Linguistic Theory**, vol.16, n.3, p. 491-539, 1998. <https://doi.org/10.1023/A:1006090432389>

AVELAR, J. O.; CYRINO, S. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, v. 3, p. 49-65, 2009.

_____; GALVES, C. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. *Textos Seleccionados*, **XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, p. 49-65, 2011.

ARAÚJO, E. As construções de tópico. In: LUCCHESI, D; BAXTER, A; RIBEIRO, I. (Ed.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: UFBA, p. 231-250, 2009.

BENVENISTE, E. Subjectivity in language. In: **Problems in general linguistics 1**, 1971.

BERLINCK, R. A.; DUARTE, E.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M. A. (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil – Vol. 3: A construção da sentença**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

BHAT, D. N. S. **Pronouns**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BUTHERS, C. M.; DUARTE, F.B. Português Brasileiro: uma língua de sujeito nulo ou de sujeito obrigatório? **Revista Diacrítica**, v. 26, n. 1, p. 64-88, 2012.

_____. **Emergência da ordem [XP V (DP)] no Português Brasileiro Contemporâneo e o Parâmetro do Sujeito Nulo**: uma abordagem minimalista. Belo Horizonte, MG, 2009. 163f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2009.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. **The Minimalist Program**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

_____. **On Phases**. Ms. MIT, Cambridge, MA. 2005.
<https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262062787.003.0007>

_____. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. **A life in language**, 1–52. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.

_____. On phases. In: FREIDIN, R.; OTERO, C.; ZUBIZARRETA, M. L., eds., **Foundational issues in linguistic theory**, 133–166. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2008.

COSTA, J.; GALVES, C. **Peripheral subjects in two varieties of Portuguese**: evidence for a non-unified analysis. 2001. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/pesquisa/artigos/COSTA_Jetal-Fase1a.pdf. Acesso em: 23 mar. 2010.

COSTA, J. Variação PE-PB sem configuracionalidade discursiva: argumentos adicionais para a primazia da sintaxe. In LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (orgs.). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 109-122, 2012.

COSTA, I. O.; RODRIGUES, E. S.; AUGUSTO, M. R. A. Concordância com tópico: o caso dos verbos meteorológicos em relativas cortadoras. **ReVEL**, edição especial n. 6, 2012.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. p. 107-128. Editora da Unicamp: Unicamp, 1993.

_____. **A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro**. Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado, 1995.

_____. O sujeito expletivo e as construções existenciais. **Português brasileiro-contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, p. 123-131, 2003.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A Posição Sujeito no Português Brasileiro**: frases finitas e infinitivas. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

GALVES, C. M. C. “O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro”. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. **Português Brasileiro**: Uma viagem diacrônica. 2ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

HOLMBERG, A. Scandinavian stylistic fronting: How any category can become an expletive. **Linguistic inquiry**, v. 31, n. 3, p. 445-483, 2000. <https://doi.org/10.1162/002438900554406>

_____. Null subject parameters. **Parametric variation**: Null subjects in minimalist theory. P. 88-124, 2010.

KATO, M. A. Strong and weak pronominals in the null subject parameter. **Probus**, v. 11, n. 1, p. 1-37, 1999. <https://doi.org/10.1515/prbs.1999.11.1.1>

_____; DUARTE, M. E. L. Mudança paramétrica e orientação para o discurso. In: **Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, 24. Braga: Universidade do Minho. (Comunicação oral), 2008.

KISS, K. É. Two subject positions in English. **Linguistic Review**, v. 13, p. 119-142, 1996. <https://doi.org/10.1515/tlir.1996.13.2.119>

KISS, K. É. Two positions in English. **The Linguistic Review** 13, 1996. P. 119-142. <https://doi.org/10.1515/tlir.1996.13.2.119>

KOIZUMI, M. Nominative object. In: MIYAGAWA, S.; SAITO, M. (eds.). **The Oxford handbook of Japanese linguistics**, 141–164. Oxford: Oxford University Press, 2008. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195307344.013.0006>

KUNO, S. **The structure of the Japanese language**. Cambridge, Mass.: MIT Press., 1973.

KURODA, S.-Y. **Generative grammatical studies in the Japanese language**. Doctoral dissertation, MIT, 1965.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: CUP, 1977.

MIYAGAWA, S. EPP and Semantically Vacuous Scrambling. SABEL, J.; SAITO, M., (eds.). **The Free Word Order Phenomenon: Its Syntactic Sources and Diversity**, pp. 181-220. Mouton de Gruyter. 2005. p. 181-220, 2005.

_____. Why Agree? Why Move? Unifying Agreement-Based and Discourse-Configurational Languages. **Linguistic Inquiry**. Monograph Fifty-Four, 2010.

MODESTO, M. Sujeitos Nulos em Línguas de Tópico Proeminente. São Paulo: **Revista da Abralin**, vol. III, n. 1 e 2, pp. 121-148, 2004.

MUNHOZ, A. T. M.; NAVES, R. R. Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. **SIGNUM: Estudos Linguísticos**, nº 15/1, p. 245-265, Londrina, 2012.

NEGRÃO, E. V. **O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso**. São Paulo: USP. Tese de Doutorado, 1999.

NICOLAU, E. M. D. **As Propriedades de Sujeito Nulo e Ordem V-S no Português Brasileiro**. Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado, 1995.

NOMURA, M. **Nominative Case and AGREE(ment)**. Doctoral dissertation, University of Connecticut, Storrs, 2005.

OTHERO, G. Revisitando o status do pronome *cê* no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**. 21.1. p.135-156, 2013.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2007.

PILATI, E.; NAVES, R. Cisão da categoria pronominal, transferência de traços de C para T e a expressão do sujeito no Português Brasileiro. In: MOURA, D.; SIBALDO, D. M. **Estudos e pesquisas em Teoria da Gramática**. Alagoas: Editora da UFAL (EDUFAL), 2013.

PONTES, E. **O tópico no português do Brasil**. São Paulo: Pontes Editores, 1987.

RAMOS, J. O uso das formas Você, Você e Cê no dialeto mineiro. In: DA HORA, D. (Org). **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa, PB, 2006.

RAPOSO, E. P. **Teoria da gramática**: a faculdade da linguagem. Lisboa: Caminho, 1982.

RIZZI, L. Null Subjects in Italian and the Theory of pro. **Linguistic Inquiry**: 17:3, 501-558, 1986.

_____. The fine structure of the left periphery. In: **Elements of grammar**. Springer Netherlands, p. 281-337, 1997. https://doi.org/10.1007/978-94-011-5420-8_7

RODRIGUES, C. **Impoverished morphology and A-movement out of Case domains**. Tese de Doutorado, Universidade de Maryland, 2004.

SOUZA, E. M. **O uso do pronome 'eles' como recurso de indeterminação do sujeito**. Belo Horizonte, MG, 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2007.

_____. **Sujeitos de Referência Arbitrária**: uma classe homogênea? Belo Horizonte, MG, 2013. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2013.

VASCO, S. **Construções de tópico na fala popular**. 216f. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

Artigo recebido em: 06.05.2017

Artigo aprovado em: 29.05.2017